

A ESTRANHA INQUIETUDE DO MEMORIALISMO DE NAVA

LÚCIA MARIA QUADROS SOARES *

RESUMO

Pretendemos, aqui, sugerir os passos de Pedro Nava, percorrer seu caminho de leitor/escritor, tendo em vista a reconstrução histórica do homem, realizada mediante uma possível autobiografia ficcional. Partimos da linguagem de Nava enquanto processo de identificação e da metáfora da boneca como suporte lingüístico para a justificativa deste trabalho, buscando o estranho/familiar no texto memorialístico de *Bau de Ossos*.

* Mestranda em Literatura Brasileira da FALE/UFMG. Este trabalho foi originalmente apresentado no curso «A Narrativa Brasileira» (Mestrado — 2º semestre de 1987 — (UFMG) ministrado pelo Prof. Dr. Wander Melo Miranda.

Para um homem de arte é fundamental não perder a capacidade de questionamento das verdades e a atitude estética frente à vida. Assim é Pedro Nava em *Bau de Ossos*.¹ O autor/leitor de tantos textos é rebelde, busca novas formas, caminhos novos que resistam à perfeita adaptação ao "status quo". Ler e escrever caminham juntos: sua leitura/escritura é sobretudo circular e termina onde começa — no ponto de origem, tempo do amor/tempo da escrita. Sua autobiografia dividida em sub-títulos, não pode ser entendida como uma visão global ou só um guia das intenções do autor. Cada fragmento é um tema em si que poderia ser título de livro e/ou lido isoladamente, mas onde há conexões, algumas evidentes, outras não, das temáticas escolhidas no texto e em outros textos.

O ato de ler/escrever, no memorialismo de Nava nasce, também, do isolamento e da necessidade de identificação de sua personalidade. A identificação passa a ser fundamental e, portanto, uma das possíveis chaves para a compreensão da personalidade humana. Laplanche e Pontalis no *Vocabulário da Psicanálise* definem a identificação:

Processo psicológico mediante o qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo de outro e se transforma, total ou parcialmente, sobre o modelo deste. A personalidade se constitui e se diferencia mediante uma série de identificações.²

Mas Nava sugere, em sua autobiografia, que um livro não pode ser escrito somente por uma questão pessoal, deve corresponder a

uma necessidade social. Nesse sentido, o público de leitores visado é amplo e nunca restrito ao "mundo psicanalítico". Os autobiógrafos geralmente escrevem para si mesmos, em espelho narcisista; o jogo passa a ser marcado, daí a importância de trilhar caminhos alternativos. A pretensão de Nava, em seu aspecto de isolamento para posterior identificação, é dialogar com as ciências humanas e com a cultura em geral.

O título *Baú de Ossos: Memórias I* está em parte justificado pelo jogo de luz e sombra da escrita memorialística de Nava, no sentido de apreender as relações dialéticas entre duas possibilidades de escrita fundadas na memória e no vivido. Em seu texto há poucas conclusões, as questões quase nunca se fecham, sendo duplo o esforço: por um lado não escrever de forma a ser somente lido por si mesmo; por outro, não cair na superficialidade, mas sobretudo "identificar-se" a partir do outro. Sua prática de identificação não se encerra no quadro de família, mas vai à escala literária e às instituições, como a Padaria Espiritual, para aprender e ensinar. A autobiografia para Nava é sobretudo o tempo de propor e criticar: é a luta por uma escritura mais justa e humana, não de palavras vazias, para antes de tudo recuperar e restaurar o pleno sentido das mesmas, através de seu processo de identificação com o outro.

Estranha e perturbadora São Luís... A ela me levavam também outras associações mais perigosas, que vinham da adolescência e de uma conversa que eu surpreendera na casa de Ennes de Souza entre o Nestico e o "seu" Álvaro (...). Por ele e pela conversa é que as imagens de bonecas e bruxas de pano passaram também a me sugerir o Maranhão. Um Maranhão menos confessável. O que eu ouvi referia-se a certas "bonecas inteiras" ou "bonecas completas" — indústria das velhas impuras de São Luís, e vendidas tão abertamente que suas fabricantes iam negociá-las a bordo dos navios de passagem. Muito procuradas. Não eram arremedos humanos mal enchumacados, de braços e pernas cilíndricos saindo de um tronco cilíndrico. Não. A cara era linda, o corpo recortado de tal maneira e capitonado de material tão doce que imitava a graça das curvas e a suave consistência das mais deleitosas fêmeas. E tinham tudo. A boca não era um simples bordado de retrós vermelho, mas abertura comissural contendo dentes e a móbil língua. Tinham seios e umbigo. Mãos, pés, dedos,

unhas. Pelo nos sovacos e pentelhos fornidos e crespos. Amplas nádegas, altas e roliças coxas que, quando afastadas, deixavam ver orifício anal, ninfas, clitóris e hóstio vaginal. Uma verdadeira perfeição. Eram feitas de todas as cores de modo que imitavam brancas, negras e mulatas. Havia as pequenas, as médias e as especiais, grandes como uma criança bem crescida. Quase utilizáveis. O corpo era todo trabalhado em pano fino de algodão. Menos a boceta. Esta era sempre de cetim. Quando surpreendi esta história, tinha 15 anos e o coração me cresceu, batendo nos ouvidos como malho em bigorna... Ah! como, como encomendar do Maranhão, logo uns dois ou três de tão fabulosos manequins? Não pude pedir detalhes ao Nestico de medo de ser escorraçado e fiquei sem saber a quem se destinavam essas bonecas. Quais os fregueses que as compravam? Adultos sem vergonha? Hoje me pergunto se não seriam destinadas a crianças por algum precursor da educação sexual nos colégios ou em família — na linha da aplicação prática das teorias de mestre Freud. Talvez que atualmente bonecas dessas fossem trazidas para casa por pais cuidadosos, querendo evitar os complexos conseqüentes ao sentimento de frustração dos filhos diante das que se vendem por aí, sem genitais, tampadas como as sereias e os anjos.³

Em seu texto, podemos fazer uma incursão no que há de estranho e familiar, privilegiando o gosto freudiano daquilo que é um dos motores da questão: a linguagem enquanto exercício político e sexual de identificação. Resulta, pois que o estranho/familiar no “caso boneca” se torna metafórica e metonimicamente desdobramento do próprio desejo expresso na inquietante memorialística de Nava: o de significante, que dubla o silêncio ou, em voz ensurdecadora, o conhecimento do recalçamento, na cadeia do discurso verbal do sujeito humano. Dessa forma, a “boneca” ocupa, na economia narrativa, uma posição destacada: é uma personagem arbitrariamente construída na imaginação do narrador/autor. Ainda que elaborada por enxertos de conversas, por alguns dados efetivamente ligados à sua existência, ela se concretiza enquanto conjunto da encenação de uma situação ou de uma figura que o narrador/autor formula para si e para o outro, deformada ou não, e que, mediada pelos processos defensivos, se constitui, sempre, na realização de um Desejo. De origem inconsciente, “a boneca” acossa ou faz

sofrer, mas também nutre ou fertiliza. Essa posição basculante está ligada à sua origem, por ocasião da cena de sedução original que marca a história do narrador/autor e a gama de suas expressões e sensações, especialmente no tocante à sexualidade e à criatividade.

Esculpida como um alter-ego, a “boneca” é meretriz refinada que servia ao erotismo masculino desabrido e que, no exercício de uma sexualidade pretendida, funciona como a própria trama de desejos e reconhecimentos do texto de Nava. Na economia narrativa, a “boneca” ocupa duas funções assemelhadas, paralelas: a de reminiscência e a de rememoração. No (des)contínuo tecer do texto, o estranho/familiar da reminiscência está ligado ao plano do imaginário pela evocação involuntária, atualizando um acontecimento que surge como encobridor de um elemento que ficou excluído, a própria linguagem materna. A rememoração do estranho/familiar, por sua vez, se prende à noção freudiana de repetição diferenciada.

É assim que o narrador/autor, enigma presente na armação do texto, vai aos poucos se revelando. Junto a um crescente transbordamento de frustração pulsional, o autor/narrador, assim como a “boneca” e/ou as “rendeiras”, vivencia o processo de abstração progressiva da própria corporeidade. Privado (como a metáfora feminina) da possibilidade de verificar e ratificar constantemente sua realidade corporal, através de conseqüências nascidas de ações fisicamente mensuráveis, ele necessita reencontrar os limites do seu EU corpóreo. Isso é indispensável para que possa assegurar-se na vigência de sua própria identidade. Mas a agressividade acumulada coexiste na possibilidade de instrumentar amorosamente a necessidade de satisfação puramente pulsional de escrita. Dessa forma, a reminiscência e a rememoração de fatos, casos, estórias familiares e/ou estranhas, passam a ser, na mão do narrador/autor, índices de identificação, na medida em que a memória é o meio de acesso ao objeto do desejo, que insiste e retorna através da história do sujeito; objeto que o sujeito enfrenta diante de si como uma falta que retorna e se diferencia pelas transformações do próprio objeto.

Dai, o objeto fálico enquanto significante, cuja função é a de designar o lugar da falta, determinar o caráter errático, nômade do desejo, sua impossibilidade de jamais vir a ser satisfeito. Entretanto, na peregrinação do desejo, algum objeto parece ao narrador/autor apropriado a metaforizar essa potência e complementação inefáveis, que como ser humano procura. Chamemos esse

objeto "boneca" para exemplificação. À medida que o autor/narrador veicula para si esse objeto concreto, adequado à satisfação de seu desejo, permite a si e ao outro o encontro de uma solução da sua necessidade de amor. Identificando-se com o objeto de amor, sente-se desejável (por se conformar às características do objeto) e desejante (pois seu desejo poderá se configurar a partir de um suporte adequado).

Ao familiar/estranho da própria polissemia que a palavra impõe, surge a "boneca" como ser híbrido, objeto criado e evocado que se transforma em mulher através do sopro de vida e amor, no exercício da linguagem textual. Passa a ser, portanto, detentora do enigma da narração, enigma do corpo/córpus que tramita entre a vida e a morte, a palavra e o silêncio, o princípio do prazer e o da realidade. Palavra recoberta de desejo, funda o trânsito e o limite entre vigília/sonho e passa a ser uma própria estranheza do discurso. O ramo da literatura seria a própria contradição e/ou paradoxo do jogo da memória, pois o ramo feminino (materno, no caso as personagens da Casa Materna) estaria para o gozo fálico enquanto o ramo masculino (paterno, as personagens da Casa Paterna) para o gozo do Outro.

Essa indagação desenvolvida na inquietante memorialística de *Bau de Ossos* tem necessariamente que ser precedida pelo exame da ambigüidade verbal. As estruturas verbais dos sonhos e/ou desejos do narrador/autor, o aparecimento do estranho/familiar no ato de ler/escrever, são resolvidos pela memória: tais estruturas comportam outras e diferentes significações que se revelam no discurso memorialístico e à sua revelia. A memória seria, assim, um enigma cuja verdade deve ser decifrada, lugar de falta onde a polissemia se impõe. Coloca-se, portanto, como um exemplo privilegiado de multivocidade, pois representa um momento paradoxal em que algo é e não é representado ao mesmo tempo. É também forma de expressão da ambigüidade inerente à palavra, em que o sistema simbólico e/ou imaginário passa a ser pautado pelo entrecruzamento lingüístico, pois qualquer narração e/ou fragmento de narração ultrapassa a intenção meramente momentânea.

A partir de uma renúncia pulsional aqui representada pelo jogo do "caso boneca", a analogia entre reminiscência, rememoração e memória se impõe de modo mais marcante na abordagem do jogo pulsional. O lidar com a ausência é já dominá-la, podendo-se ver aí um momento da perda. Nessa perspectiva, temos a pulsão de

morte e a perda do objeto como momentos de nascimento da linguagem; aqui é o símbolo do estranho/familiar que se revela como pré-condição de linguagem. A renúncia pulsional envolvida na perda do objeto permite a constituição do símbolo e do próprio ser-sujeito da narração, representado pela memória. A linguagem passa a ser pensada em sua dimensão histórica, pois ela é a representação do homem e sua relação com o mundo. Se o indivíduo é uma abstração, é na história que se encontra o verdadeiro sujeito concreto. E o jogo de linguagem entre os dois momentos — familiar/estranho — é decisivo na constituição do sujeito: a consciência histórica da linguagem e sua relação com o inconsciente é a única forma possível de consciência de si para o autor/narrador.

A prática inquietante da memória ganha, pois, não um retorno à auto-análise, mas um retorno a seu inconsciente estruturado na linguagem, que por si só já é produto do discurso do Outro. Seus mecanismos de linguagem, suas fontes referenciais são produtos de toda uma vivência, literária e humana; a reconstituição de seu sujeito é o fruto de uma memória, de vivências sociais coletivas que fazem do autor/narrador um ser informado e capaz de reconstituir a história de sua escrita/leitura. O jogo do estranho/familiar na memorialística passa a ser um modelo de linguagem, uma vez que ele representa duplamente a essência da negatividade constitutiva da palavra em que o “caso boneca”, simulacro de mulher, de vida e de morte, transita entre as duas esferas. Da mesma forma, a “boneca” passa a ser a ideiação, prática entre sonho/vigília e familiar/estranho, que conduz o texto imaginário de Nava. O jogo do ocultamento/desocultamento leva à própria polissemia do *(un)heimliche* onde Nava é o bricoleur restaurador de outros textos tecidos de uma mesma história.

A polissemia de *(un)heimliche* transita então por duas vias: na primeira estaria a própria noção de intertextualidade, de memória incompleta, de resíduos mnêmicos montados no próprio ato de sublimação pela literatura; na segunda estaria a própria lembrança encobridora, processo de inquietação que passa pelo corpo/corpus do autor/narrador e por sua experiência do desejo do outro. É Nava, restaurador/bricoleur, que escava a memória do *(un)heimliche* para desnudar e transformar, fazendo da hesitação da própria palavra a reconstituição, pelo distanciamento, do tempo do eu histórico. Ganha assim o narrador/autor, pela documentação e/ou fragmentação do processo lingüístico em *(un)heimliche*, a significação histórica do uso da memória, sua possibilidade de relação na reconsti-

tuição do intercâmbio do vivido e sua abertura à alteridade. Sua narração deixa de ser uma cadeia homogênea de sucessão de fatos representados, para ser o “estranhamento” inquietante proporcionado pela assimetria da disposição desses fatos. Sua memória passa a ser o próprio reconhecimento no ato de transformar-se e diferenciar-se pela linguagem.

O ato de identificar-se prende-se, portanto, a resíduos mnêmicos: traços de memória do objeto desejado e/ou traços mais remotos dependentes deste são investidos de um interesse e inseridos numa representação central (o “caso boneca” enquanto possibilidade de trânsito familiar/não familiar que a polissemia de *(un)heimliche* impõe). E mais ainda, a identificação se faz pela apresentação da palavra (o discurso do Outro) que foi igualmente formada a partir de resíduos mnêmicos, mas, desta vez, resíduos de ver, sentir e ouvir a palavra do outro para transformar-se. Portanto, sua reconstituição é um processo que se efetiva no mútuo reconhecimento através do existente “no outro”. É na relação com a presença/ausência do outro que o sujeito percebe seu estado autobiográfico: descentra-se da consciência de si e busca em sua alteridade e mais precisamente no “re-fazer literário” seu momento de prazer e sua conseqüente relação intersubjetiva.

... E contra uma “boneca inteira” ousariam as crianças descarregar a violência sádica que as leva aos vazamentos dos olhos, aos escalpes, aos degolamentos, às depeçagens, aos afogamentos e aos assassinatos em efígie que perpetram brincando? Tenho certeza do contrário porque as “completas” pelo mistério perineu que tinham debaixo da sucessão de anáguas e da calça rendada, eram uma sugestão de convivência e um convite à partida.⁴

NOTAS

1. NAVA, Pedro. *Baú de Ossos, Memórias I.* (1972) 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
2. LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise.* Lisboa, Moraes, 1976.
3. NAVA, op. cit. p. 23/24.
4. NAVA, op. cit. p. 24.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Émile. Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne. In: ———. *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966.
- CIXOUX, Hélène. La fiction et ses fantômes. Une lecture de l'Unheimliche de Freud. In: ———. *Prénoms de personne*. Paris, Seuil, 1974.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. (Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 18).
- LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa, Moraes, 1976.
- MANNONI, Octave. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- MÉRIGOT, Bernard. L'inquiétante étrangeté — note sur l'unheimliche. *Littérature*, Paris 8:100-106, déc. 1972.
- NAVA, Pedro. *Bau de Ossos, Memória I*. (1972). 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.